

QR CODE: UM GÊNERO DISCURSIVO EM ASCENSÃO E A SUA UTILIZAÇÃO NO ESPAÇO EDUCACIONAL

Mateus Freire Santana Silva¹

Monize da Silva Novaes²

Márcia Helena de Melo Pereira³

Anne Caroline Dias Rocha Prado⁴

RESUMO: Neste artigo, analisamos o QR Code enquanto gênero discursivo e como ele vem sendo utilizado nas escolas. Para isso, apoiamos-nos teoricamente na definição de gênero discursivo postulada por Bakhtin (1997), na concepção e caracterização do hipertexto desenvolvidas por Xavier (2009; 2015), e nas reflexões de letramento digital de Ribeiro (2009), Dionísio (2011) e Rojo (2013). Além disso, nos baseamos nos apontamentos da Base Nacional Comum Curricular (2017). Na análise, utilizamos o site *QR Code Generator*, o qual é responsável pela criação e personalização de códigos QR e que foi de grande importância para tratarmos da função e da estrutura do referido código. Para refletirmos sobre este gênero em sala de aula, observamos sua utilização em uma apostila digital de Literatura Brasileira destinada a alunos do Ensino Médio. Por fim, na conclusão do artigo, constatamos que o QR Code se configura enquanto gênero discursivo, considerando a sua função social, os três pilares genéricos da teoria de Bakhtin e a sua inserção no nosso dia a dia que, em razão da pandemia pela Covid-19, teve uma grande intensificação.

Palavras-chave: QR Code; Educação; Gênero discursivo; Hipertexto; Letramento digital.

1. INTRODUÇÃO

Com a evolução da internet e dos aparatos eletrônicos, o mundo tem cada vez mais se modernizado e a sociedade tem encontrado novas maneiras de se comunicar e interagir de forma *online*. Em face disso, novos gêneros textuais surgem a todo momento, a fim de servir de

¹ Graduando do sétimo semestre do curso de licenciatura em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Campus de Vitória da Conquista - Bahia; Bolsista do Programa Residência Pedagógica pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: teus_freire@yahoo.com.

² Graduanda do sétimo semestre do curso de licenciatura em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Campus de Vitória da Conquista – Brasil. Faz parte do grupo de pesquisa “ Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/Uesb/CNPq) e desenvolve o subprojeto “Cenografia e espetáculo em reportagens sobre escândalos sexuais envolvendo líderes religiosos”, sob orientação da Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva. Bolsista Fapesb na modalidade Iniciação Científica. E-mail: monizenovaes30@gmail.com.

³ Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br.

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista do Programa Interno de bolsas de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: annerochaprado@gmail.com.



veículo para a expressão e comunicação humana. Nessa perspectiva, as relações sociais tornam-se cada vez mais complexas para aqueles que não compreendem a configuração dos gêneros mais recentes que, pouco a pouco, tornam-se parte de nossas vidas.

Nesse contexto sociodigital trazido pelo século XXI, destaca-se um gênero relativamente recente que tem servido como fornecedor das mais diversas informações para todo o mundo: o QR Code. Dessa forma, neste trabalho, objetiva-se compreender não somente o que é esse código e as suas funções, mas também classificá-lo enquanto gênero discursivo digital, levando em conta os três pilares genéricos, propostos pelo filósofo Mikhail Bakhtin (1997), para quem os gêneros são enunciados relativamente estáveis elaborados pelas diversas esferas de utilização da língua, e que se caracterizam pelo seu conteúdo temático, pela construção composicional e pelo estilo.

Além disso, analisaremos como o gênero se configura no cotidiano, abordando a importância da utilização do código QR na escola, tendo em vista um material escolar virtual que o utiliza como suporte informativo. Para tanto, recorreremos à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que, a partir de uma perspectiva enunciativa discursiva, determina as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas pelos alunos durante a educação básica.

Ademais, uma vez que o *QR Code* é um gênero que emerge do contexto digital, tomamos como aporte a definição e a caracterização do hipertexto conforme Xavier (2009; 2015) e os apontamentos de Ribeiro (2009), Dionísio (2011) e Rojo (2013) a respeito do letramento digital.

2. OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Por muito tempo, a noção de gênero enfatizava, principalmente, os textos literários, em abordagem retórica, pensando na “arte do bem falar” e fazendo uso da palavra para convencer, ou em uma abordagem poética e romanesca. Muito pouco era falado acerca dos gêneros presentes no cotidiano, visto que estes eram considerados inferiores. Além disso, não existia uma concepção clara sobre o que era gênero e quais as suas características. Tudo isso mudou a partir dos estudos do filósofo russo Mikhail Bakhtin⁵ que atestam para o fato de os gêneros

⁵Mikhail Bakhtin (1895–1975) foi um renomado filósofo russo que viveu durante a formação da União Soviética e que foi responsável por revolucionar os estudos linguísticos ao tentar entender a relação da língua com a

discursivos serem estruturas complexas presentes em todas as esferas do cotidiano. Dessa forma, para o filósofo, o maior erro da Linguística seria ignorar a natureza dos gêneros discursivos, uma vez que eles são

enunciados concretos (escritos ou orais), que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e comunicação: crônicas, contratos, textos legislativos, documentos oficiais e outros, escritos literários, científicos e ideológicos, cartas oficiais ou pessoais, réplicas do diálogo cotidiano em toda a sua diversidade formal, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Considerando, assim, a pluralidade da natureza dos gêneros enunciativos, Bakhtin defende que os estudos linguísticos necessitam compreender melhor a sua natureza ao observar que a função da linguagem é a comunicação permitida pelos processos interativos e dialógicos que compõem a função de cada gênero. Para Bakhtin, é imprescindível para a enunciação o diálogo entre o EU e o TU, já que aquele que enuncia pensa sempre na reação ou nas palavras de outro e depende do receptor para que o seu discurso tenha validade ou seja ouvido. Diante disso, constata-se que somos seres sociais e que os gêneros discursivos se mostram enquanto formas de expressão humana importantes para a perpetuação das relações sociocomunicativas.

Bakhtin propõe, ainda, a distinção entre os gêneros primários e secundários. Os gêneros primários ou simples são aqueles que envolvem o diálogo e a comunicação - carta, diálogo, telegrama, etc. - ao passo que os secundários são os gêneros mais complexos (literários e científicos) que fazem uso dos gêneros primários, modificando-os e/ou absorvendo-os. Ainda sobre a classificação dos gêneros discursivos, Bakhtin ratifica a sua complexidade ao demonstrar os três pilares que compõem o gênero, a saber: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. O conteúdo temático diz respeito ao conteúdo do que é dito pelo sujeito, abarcando aspectos linguísticos/textuais, enunciativos e discursivos. A estrutura composicional corresponde à forma como o conteúdo é disposto no gênero, ou seja, o padrão de organização das suas partes.

Assim, quando olhamos um dado gênero, facilmente o reconhecemos pela sua estrutura a depender do quanto o utilizamos e conhecemos suas características. Por fim, o estilo é modo de escrita ou fala do sujeito, ou seja, a “seleção dos recursos lexicais, fonológicos e gramaticais

sociedade, criticando pensadores como os formalistas russos e Saussure. Esse estudioso, que foi o principal responsável pelos estudos acerca da história do conceito de gênero do discurso, tal como a conhecemos hoje, tornou-se conhecido como o homem que revolucionou a Linguística.

da língua” (BAKHTIN, 1997, p. 261). O estilo, para Bakhtin, divide-se em individual e do gênero, pois cada pessoa e cada gênero possuem um estilo próprio que, ao longo do tempo, sofre alterações. Alguns gêneros são mais abertos e permitem uma maior expressividade do estilo pessoal do autor, a exemplo dos textos literários, enquanto outros são mais fechados, exigindo mais formalidade e objetividade por parte do autor, como os gêneros da esfera jurídica, por exemplo.

Esses três pilares dos gêneros discursivos estão imbricados nessa sua finalidade de interação social e a constante mutação das formas de interação e comunicação humana permite que alguns gêneros assumam a função de outro (intergênero) ou que outros gêneros com outras características e funções surjam, a partir daqueles que já existem ou não. Diante disso, vejamos mais sobre os gêneros de caráter digital e o conceito de hipertexto.

3. O HIPERTEXTO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Tendo em vista que somos seres plurais e em constante mudança, novas esferas da sociedade surgem a todo momento, favorecendo o surgimento de novos gêneros e de novos suportes comunicativos. Nesse contexto, os novos séculos possibilitaram o aparecimento de novos gêneros, levando em conta o desenvolvimento da internet, da globalização e da elasticidade das relações, os chamados gêneros digitais. Com o surgimento e evolução dos suportes eletrônicos, uma nova modalidade de texto conhecida como hipertexto ganhou espaço nas últimas décadas, alterando o modo como as informações são dispostas e como a função do leitor é concebida.

Apesar de muitos conceitos nortear o chamado hipertexto, Antônio Carlos Xavier (2015), linguista brasileiro, afirma que:

Em síntese, o hipertexto é o ‘texto da internet’ no qual se encontram palavras, imagens, vídeos e sonoridades todos passíveis de percepção simultânea, ocorrendo sem concorrer, uma vez que todos os modos enunciativos colaboram para a produção de sentido. Por meio do hipertexto, o sujeito vive a experiência de produzir e consumir significações pelo modo de enunciação digital. (XAVIER, 2015, p. 79)



Xavier (2015) salienta que essa definição refere-se diretamente ao texto on-line, ou seja, ao texto conectado à internet, em sentido estrito sensu, uma vez que há, também, o hipertexto em sentido lato sensu, o qual é tomado em sentido amplo e não é conectado.

De acordo com o autor, essa nova tecnologia está se tornando um grande mediador nas relações dos sujeitos na Sociedade de Informação. Sendo assim, para que possamos compreendê-la, bem como, também, sobreviver a ela, temos que passar pelo processo de aprendizagem da leitura e escrita dessa nova modalidade textual. Xavier (2015) também afirma que o hipertexto possui cinco características fundamentais, sejam elas: a imaterialidade/virtualidade; a ubiquidade; a convergência de linguagens; a não-linearidade; e a intertextualidade infinita.

No que concerne a imaterialidade/virtualidade, o autor declara que ela consiste na possibilidade que o leitor tem de poder tocar e sentir com o mouse as partes que constituem o hipertexto, mas que, ao mesmo tempo, não pode senti-lo fisicamente, uma vez que tudo funciona de modo virtual. Sendo assim, “acessá-lo visualmente e fazer links com outro hipertexto são possibilidades de intervenção na página web por quem a visita. Porém, tudo isso só acontece virtualmente” (XAVIER, 2015, p. 80). Então, contrário ao texto impresso, os leitores não podem folheá-lo página a página, porém, se o hipertexto é produzido em programa específico, como em Javascript, eles podem simular esse movimento. Ainda de acordo com o linguista, se o hipertexto for impresso, ele perde toda a sua essência de texto virtual, passando a fazer parte da categoria dos textos impressos.

Quanto à ubiquidade, essa característica refere-se ao fato de que o hipertexto, quando conectado à internet, pode ser acessado por computadores de várias pessoas ao mesmo tempo e em vários lugares do mundo. Desse modo, essa onipresença permite uma multiplicação da mesma página web, ampliando imensamente o acesso a conteúdos diversos se comparado à tiragem impressa de um determinado texto” (XAVIER, 2015, p.81). No que diz respeito à convergência de linguagens ou multimodalidade, essa trata das várias formas de enunciação abraçadas pelo hipertexto e que são distribuídas na tela digital, como os links, enunciados verbais e emojis, por exemplo. Vale salientar que “essa convergência de linguagens e de mídias, enfim, de modos de enunciar, provocam o nascimento de um novo modo de dizer, que se apropria do melhor dos mundos sógnicos para se constituir enquanto tal” (XAVIER, 2015, p. 81).

Consoante o autor, a não-linearidade consiste na ausência sequencial na leitura do texto. Mas isso não significa que terá uma falta de contiguidade sequencial do sentido do texto, só faz com que o leitor não precise seguir uma ordem hierárquica das partes do texto que devem ser seguidas. Ele ainda afirma que, na tela do aparelho a ser utilizado, haverá um esboço sugerindo várias vias para o usuário escolher, tendo em vista que “um dos princípios fundamentais que norteiam os construtores de hipertextos é otimizar ao máximo as escolhas de trilhas no ciberespaço, multiplicando, dessa forma, as opções de perspectivas do usuário” (XAVIER, 2009, p. 173). Por fim, o autor trata da intertextualidade infinita, que também é um traço do texto impresso. Segundo ele, o hipertexto permite acesso a outros textos e todos os hipertextos se atravessam na Internet.

Em síntese, de acordo com Xavier (2009), o espaço do hipertexto conta com uma exposição de construção e debates de diversos discursos, ressaltando, assim, que caberá aos usuários utilizarem-no da maneira que acharem mais adequada. Para isso, como ele mesmo ressaltou, é preciso aprender a ler e escrever neste mundo digital, levando-nos ao conceito de letramento digital.

4. LETRAMENTO DIGITAL

Ao longo da história, a humanidade desenvolveu diferentes formas de se comunicar e de interagir com o próximo e com o mundo. A fala e, posteriormente, a escrita tornaram-se partes importantes da vida de qualquer um que deseja exercer a sua cidadania e viver de maneira plena na sociedade atual. Tendo isso em vista, muitos pesquisadores buscam entender a ação da leitura e da escrita dentro das relações sociais e quais são as habilidades necessárias para que alguém se aproprie da escrita e adquira o que se convencionou chamar de letramento. No geral, letramento é considerado como tudo o que é necessário para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Sendo assim, a escola se mostra como a instituição mais responsável pela formação dos indivíduos letrados e os termos alfabetizado e analfabeto designam, respectivamente, aqueles que dominam as habilidades de leitura e escrita e aqueles que não conseguem compreender o código escrito.

Todavia, segundo Ribeiro (2009), não se pode afirmar que há uma separação ferrenha entre analfabetos e letrados, visto que os analfabetos podem desenvolver meios de interagir e viver em sociedade, mesmo com um conhecimento superficial da escrita. Além disso, alguns



ditos letrados podem apresentar dificuldades de escrever determinados gêneros textuais, levando-nos a crer na existência de graus de letramento ou letramentos que variam a depender do grau de apropriação dos conhecimentos de leitura e escrita de cada indivíduo e dos usos dessas habilidades no seu dia a dia. Tudo acontece, assim, dentro de um *continuum* que representa cada especificidade.

Apesar da definição de letramento abranger questões relativas à leitura e escrita, os avanços tecnológicos propiciados pelos séculos mais recentes alteraram essa noção de letramento, pois, segundo Dionísio (2011), essa concepção não abarca todas as formas de conhecimento existentes na sociedade, já que “uma pessoa letrada deve ser alguém capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem” (DIONÍSIO, 2011, p. 2). Assim, o conceito de letramento também diz respeito à interação dos indivíduos com gêneros que exigem, por exemplo, habilidades visuais e motoras para serem compreendidos e utilizados na comunicação diária, originando o que se pode chamar de multiletramento.

O advento desses novos gêneros cresceu consideravelmente com o surgimento de novos instrumentos interativo-funcionais digitais, como o computador, o celular, o *notebook*, e tantos outros que alargaram as fronteiras concernentes à produção escrita e à leitura e suscitaram o aparecimento de novas maneiras de se conceber um texto. Consoante Rojo (2013), o novo suporte, agora eletrônico, delegou uma maior liberdade ao leitor na configuração dos enunciados e textos, evidenciando que já não é suficiente a leitura do texto escrito, pois “é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam.” (ROJO, 2013, p. 21). É em face da inserção cada vez maior desses novos signos no nosso cotidiano que surgem novos gêneros e suportes textuais, os quais favoreceram os estudos e pesquisas mais recentes a respeito do mais recente tipo de letramento: o letramento digital.

A chegada do ambiente virtual trouxe novas demandas e exigiu que as pessoas desenvolvessem novas capacidades para utilizar a *World Wide Web*. Portanto, se a alfabetização, segundo Ribeiro (2009), envolve o aprendizado do conjunto de habilidades teóricas e motoras necessárias para se aprender a ler e escrever, os indivíduos, de maneira análoga, tornam-se analfabetos digitais a partir do momento em que não dominam as habilidades teóricas e motoras que o espaço digital exige para dominar as novas mídias. Assim,



um sujeito que já era excluído na sociedade por não dominar totalmente a leitura e escrita torna-se duplamente excluído ao não compreender o funcionamento dos aparatos tecnológicos. É diante dessa realidade que a discussão sobre letramento digital se faz urgente, estando presente na Base Nacional Comum Curricular, conforme apresenta a seguinte seção.

5. LETRAMENTO E GÊNEROS DIGITAIS NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, é um documento de caráter normativo que determina o conjunto de conteúdos que são considerados primordiais a todos os estudantes do Ensino Básico, a fim de garantir o direito a uma aprendizagem e desenvolvimento de qualidade, como postula o Plano Nacional de Educação, mais conhecido como PNE. É importante ressaltar que a BNCC deve ser aplicada, unicamente, à educação básica, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Esse documento conta com competências e habilidades que servem como guia aos docentes, para que consigam cumprir com a proposta estabelecida, visto que seu grande objetivo é unificar as aprendizagens essenciais aos discentes.

A Base é fruto de um intenso diálogo entre profissionais de várias áreas e estratos e, até a sua homologação, apresentou três diferentes versões publicadas, respectivamente, em 2015, 2016 e 2017, sendo esta última definitiva para o Ensino Fundamental, já que foi criado um documento a parte, lançado em 2018, referente ao Ensino Médio. A BNCC apresenta várias competências e, dentre elas, encontra-se a proposta em trabalhar os gêneros discursivos, que, de acordo com Santos (2013) *apud* Dantas e Santos (2020), são manifestações da cultura. Esse documento ainda pretende, com os gêneros da cultura impressa e da cultura midiática, garantir que os alunos se reconheçam em suas pertencças culturais.

Dessa forma, uma outra característica muito importante, presente neste documento, é a questão da visualização da tecnologia na escola, que compreende que esse espaço deve considerar os recursos, incentivando os alunos a utilizarem tais ferramentas de forma crítica, reforçando ainda a importância da cultura digital. Por fim, no que concerne ao ensino de gêneros digitais, a BNCC fala sobre a sua importância para os estudantes, tendo em vista que eles devem ter um maior nível de criticidade, de modo que compreendam e produzam sentido em qualquer esfera de suas vidas. Feitas as discussões sobre os conceitos-chave, partimos para a análise do gênero QR Code, objetivo deste trabalho.

6. METODOLOGIA

Nesta seção, descreveremos como se deu a coleta de dados para este trabalho.

Para efetuar a análise do gênero QR Code, buscamos compreender, inicialmente, como os códigos são criados atualmente. Para isso, utilizamos o site *QR Code Generator*, o qual é responsável pela criação e personalização de códigos QR e que foi de vital importância para a análise aqui empreendida, levando em conta a função e a estrutura do referido código.

Em seguida, como *corpus* deste artigo, analisamos alguns QR Codes presentes em uma apostila de Literatura Brasileira dirigida para o Ensino Médio e como a sua utilização pode ser uma abordagem interessante para as aulas de Língua Portuguesa. Para isso, seguimos as seguintes etapas:

- i) em um primeiro momento, coletamos vários QR Codes no site e, também, na apostila de Literatura Brasileira dirigida para o Ensino Médio. Para registro dos dados, realizamos algumas capturas de tela e criamos o nosso próprio QR Code pelo referido site;
- ii) após a coleta, por questões metodológicas, foi necessário selecionar, dentro do *corpus* da pesquisa, quatro QR Codes coletados e gerenciá-los quanto à função e à estrutura;
- iii) por último, procedemos à análise do *corpus* selecionado, e, no intuito de explicar o funcionamento dos dados selecionados para a análise, valemo-nos dos teóricos já mencionados.

Dadas essas considerações sobre a metodologia, passamos para a análise dos dados sobre o QR Code.

7. QR CODE: UM GÊNERO RECENTE

O QR CODE (*Quick Response Code* em inglês) foi criado em 1994, no Japão, pela empresa japonesa *Denso Wave*, fabricante mundial de equipamentos automotivos. A empresa foi contratada com o objetivo de criar um código que facilitasse o registro de encomendas pelo funcionário responsável pelo caixa, uma vez que a leitura do código de barras não era tão eficiente e permitia a leitura de somente 20 caracteres alfanuméricos. Diante disso, a *Denso Wave* propôs a criação de um código em um formato 2D, já que a informação é disposta em duas direções (horizontal e vertical), e que possibilitasse uma rápida leitura. Esse objetivo foi

atingido a partir do modo como os quadrados são dispostos ao longo do código, garantindo uma resposta dez vezes mais rápida e que a leitura possa ser realizada em qualquer ângulo de 360°. Ele apresenta a seguinte estrutura:

Figura 1: Código QR Padrão



Fonte: QR Code gerado no site QR Code Generator⁶

O código foi capaz de conter um grande número de informações e de codificar 7000 numerais, levando a empresa a permitir o uso do código nas empresas automobilísticas e alimentícias e, pouco tempo depois, permitir que qualquer um utilizasse o código em todo o mundo. Ele se popularizou no Japão em 2002 com a nova geração de celulares que eram capazes de realizar a leitura, dispensando os scanners que eram usados para essa função.

O QRC tornou-se muito popular ao longo dos anos, sendo utilizado em ampla escala em todas as partes do mundo, estando presente, seja digital ou impresso, em passagens, capas de livros, menus de restaurante, pontos de aluguel, bilhetes de avaliação de atendimento, etc. Com a evolução da pandemia em razão da Covid-19, o código é ainda mais comum no Brasil, sendo observado durante programas de TV, anúncios, em sites de natureza diversa e é utilizado amplamente enquanto divulgador de informações nas redes sociais, seja no marketing das grandes empresas ou na comunicação entre amigos e familiares.

⁶ Experimente realizar a leitura do QR Code da figura 1 com o seu aparelho celular. Para alguns celulares, é preciso baixar um aplicativo de leitura de QR Codes. Há muitos disponíveis na Play Store. Os equipamentos mais recentes já realizam a leitura automaticamente quando se aponta a câmera do celular para o código.

7.1 O QR Code enquanto gênero discursivo

Dadas as devidas explicações sobre o que é o QR Code e a sua origem, passamos agora à análise dele enquanto um gênero discursivo digital, levando em conta os três pilares postulados por Bakhtin (1997): conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. Antes de tudo, é preciso reconhecer que o *Quick Access Code* é um gênero discursivo, já que ele possui uma função determinada no meio social e é possível reconhecê-lo pela sua estrutura clássica, conforme veremos mais à frente. É digno de nota que consideramos o QR Code como um gênero digital, já que é preciso o uso do celular para utilizá-lo, mas sua aparição não acontece somente em veículos digitais, pois, como já dito, ele também está inscrito em livros, menus de restaurante, placas, etc. Assim, com o auxílio do celular, é possível acessar o seu conteúdo de qualquer parte, mas alguns deles podem exigir uma conexão de internet para funcionar.

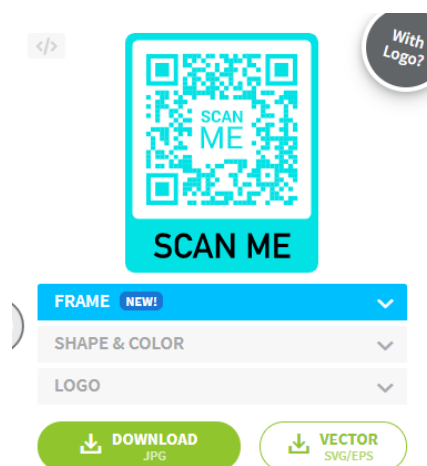
Levando em conta o primeiro aspecto - conteúdo temático - é possível notar como o QR Code não atua somente na substituição do código de barras enquanto ferramenta de compras, tal como se objetivou quando foi criado, mas também permite o rápido acesso a diferentes conteúdos, como sites, filmes, vídeos, imagens, arquivos, etc. Todas essas informações podem ser acessadas atualmente pelo celular, já que ele é capaz de realizar a leitura do código quando se aponta a câmera do aparelho nele. Esses diferentes conteúdos atrelados ao Código QR correspondem ao seu tema, pois dizem respeito à comunicação e interação entre os sujeitos.

Por sua vez, a estrutura composicional, que corresponde ao modo como o gênero se estrutura, diz respeito ao formato padrão do QR Code, conforme mostra a figura 1. É por meio desse formato quadrado nas cores preto e branco e coberto de quadrados menores que se reconhece o gênero discursivo em questão regularmente. Todavia, por se tratar de um gênero de caráter digital, o QR Code apresenta algumas características do hipertexto postuladas por Xavier (2015), como a ubiquidade, já que ele pode ser acessado por qualquer lugar do mundo pelo celular, e a multimodalidade, uma vez que não só o Código QR comporta um grande número de informações, mas também é possível que a sua estrutura padrão seja personalizada.

Assim, é possível criar códigos dessa natureza que fogem da arquitetura padrão já apresentada, sendo possível editar as cores, adicionar uma marca d'água, criar uma moldura e diversos outros recursos que proporcionam uma personalização do gênero QRC por parte do

autor. Isso acontece graças aos sites gratuitos⁷ que permitem aos internautas criarem o seu próprio QR Code e adicionarem não só a informação que desejam, mas, também, que escolham seu estilo (figura 2).

Figura 2: Código QR Personalizado



Fonte: Site QR Code Generator

Diante disso, é possível observar a terceira característica bakhtiniana dos gêneros discursivos no QR Code: o estilo. Como já dito, para Bakhtin, ele se ramifica no estilo do gênero e no estilo individual. O estilo característico do gênero QRC seria aquilo que nos faz reconhecê-lo quando o vemos, como os quadrados de variados tamanhos que o compõem. Já o estilo individual diz respeito às inúmeras possibilidades de edição que dependem do gosto individual do autor. Esse estilo individual, segundo Bakhtin, pode gerar modificações no próprio gênero, uma vez que, a depender do gênero discursivo, o autor tem mais liberdade para se expressar e moldá-lo segundo as suas necessidades intercomunicativas. No caso do QR Code, seu criador pode decidir qual informação o leitor acessará e que arquitetura o código assumirá. Por esse motivo, para Bakhtin, o estilo é um fator de desestabilização do gênero e não se pode tratar de um sem o outro.

Logo, nota-se que o *Quick Response Code* é muito mais que uma ferramenta digital ou um simples símbolo, pois ele apresenta características que o configuram como um gênero

⁷ Muitos sites são responsáveis pela criação de QR Codes, como o *Flow Code* ou o *QRCode Monkey*. Neste trabalho, escolhemos utilizar o site *QR Code Generator*.

discursivo. Pode-se perceber isso a partir da sua função comunicativa específica dentro da sociedade que nos ajuda não só a reconhecê-lo, mas que também viabiliza a sua análise segundo os três pilares genéricos da teoria bakhtiniana.

7.2 O Gênero QR Code em Sala de Aula

A fim de ratificar a função e o caráter digital do gênero QR Code, analisaremos a sua utilização em uma apostila digital de Literatura Brasileira destinada aos alunos do Ensino Médio. O material foi criado pelas professoras Alini Cardozo dos Santos Paravidini, Analice de Oliveira Martins e Angellyne Moço Rangel como produto educacional do Mestrado Profissional em Ensino e suas Tecnologias do Instituto Federal Fluminense. A apostila em questão trata do Modernismo Brasileiro em suas três fases e, por meio de QR Codes, torna acessível vários tipos de conteúdo, como vídeos, músicas, imagens, sites, etc. relacionados à temática para complementar o ensino de Literatura na escola. Vejamos mais a fundo como acontece essa junção entre QR Code e escola.

A apostila educacional de Paravidini, Martins e Rangel tem como objetivo propor novas ideias de trabalho com a Literatura em sala de aula, trazendo como uma inovação a utilização do QR Code. Logo no início do material, as autoras explicam rapidamente do que se trata esse símbolo, explicando sua função e como realizar a leitura dele através de um leitor específico ou, mais recentemente, pela câmera do celular. Destaca-se a importância do letramento digital na utilização do QR Code, uma vez que é necessário ao usuário saber utilizar de um aparelho celular e conseguir navegar bem na internet para conseguir utilizar o conteúdo atrelado ao código QR. Se a pessoa não tem esse conhecimento, acaba sendo excluído desse novo modo de interação social, à semelhança do analfabeto. Por conta disso, é importante que o aluno tenha contato com esse tipo de texto já na escola.

O material didático em questão explica, inicialmente, como se deu a inauguração do Modernismo no Brasil com as influências por parte da Europa e a Semana de Arte Moderna de 1922. Nesse intento, os autores trazem logo ao lado um código QR que leva a um site com informações adicionais sobre o contexto histórico do século XX. Os autores tiveram o cuidado de indicar quais as informações que serão acessadas através do código, conforme a imagem 3:

Figura 3: Código QR com legenda interativa



Fonte: Paravidini, Martins e Rangel (2019)

As legendas mostram-se em todos os QR Codes presentes na apostila e elas auxiliam as autoras a esclarecer ainda mais para o leitor sua função, embora, atualmente, já seja muito mais frequente o aparecimento e o uso desse tipo de texto. Entretanto, o uso do QR Code em uma apostila escolar é algo inovador, uma vez que se trata de um gênero textual digital e que age aqui como um substituto do hiperlink, tendo em vista a maior rapidez de acesso às informações, seja no material impresso ou digital. Os códigos são usados para que os alunos ouçam interpretações ou leituras de poemas modernistas, acessem PDFs de livros e poemas de autores dessa escola literária e até assistam filmes de adaptações das obras literárias (figura 4). Vale ressaltar que esses materiais podem ser explorados pelos alunos de maneira autônoma, favorecendo não só que os discentes enriqueçam o seu conhecimento sobre o tema, mas também desenvolvam criticidade e independência, conforme a BNCC.

Figura 4: Códigos QR com informações adicionais sobre o Modernismo



Fonte: Paravidini, Martins e Rangel (2019)

A partir do material das professoras Paravidini, Martins e Rangel, nota-se como o gênero QR Code pode ser usado para fins educacionais e que pode ser de grande valia nas aulas de Língua Portuguesa ou de qualquer outra disciplina. A rapidez com que o gênero nos permite acessar informações a partir de um rápido contato com o celular traz diversas possibilidades de diálogo, justificando o fato do código ter se popularizado ainda mais durante a pandemia.

Além disso, os alunos podem realizar as consultas ao QRC por si mesmos e utilizar das novas descobertas para responder às questões da apostila e, também, desenvolver o seu conhecimento sobre o assunto e sobre o gênero discursivo em questão. É preciso desbravar o mundo e os novos meios de comunicação, que cada vez mais surgem e ganham espaço na nossa sociedade, a fim de que não se enfraqueçam as relações entre uma parcela dos seres humanos que não utilizam da internet. A pandemia mostrou a importância de estar conectado e é preciso que os gêneros digitais sejam mais estudados e cada vez mais utilizados para que não percam o seu sentido primordial: a interação. Justamente, a escola é o melhor espaço para promover esse conhecimento e mostrar o quanto os gêneros textuais fazem parte da nossa vida.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto neste trabalho, foi possível compreender como o QR Code foi criado e as diversas possibilidades de informação adquiridas a partir do uso do código japonês nas relações cotidianas. Observou-se que ele é muito mais do que um simples símbolo ou ferramenta, pois configura-se enquanto um gênero discursivo, tendo em vista a sua função

social, os três pilares genéricos da teoria bakhtiniana e a sua cada vez maior inserção no nosso dia a dia, catalisada pela pandemia.

Como todo gênero digital, o QR Code tende a fazer mais parte da nossa vida nos próximos anos e, por conta disso, entender como ele se configura e as suas possibilidades de uso é algo vital para evitar que muitos sejam excluídos de boa parte das relações sociais futuras que, muito provavelmente, terão como base a internet. Trazer esse conhecimento para a escola é imprescindível, haja vista que a escola é um espaço de interação e que preza pela formação de cidadãos autônomos e críticos que podem encontrar no código QR uma fonte de informações de grande relevância. O professor tem aprendido que não precisa tomar o celular como um inimigo em sala de aula, mas sim incentivar os seus alunos a utilizá-lo da melhor forma possível. Agora, na era da informação, o QR Code se torna ainda mais necessário para conduzir os internautas pela internet e para dar um formato cada vez mais moderno às relações entre a língua e a vida, pensadas por Bakhtin lá na década de 1920.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 279-287.

DANTAS, Wallace. SANTOS, Eliete Correia dos. As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 3, 2020, p. 287-303.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Editora Parábola, 2011, p. 1-16.

HEINSFELD, B.D.; SILVA, M.P.R.N. As Versões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Papel das Tecnologias Digitais: conhecimento da técnica versus compreensão dos sentidos. **Currículo sem Fronteiras**, v.18, n.2, p.668-690, maio/ago, 2018. ISSN: 1645-1384.

PARAVIDINI, A.C.S.; MARTINS, A.O.; RANGEL, A.M.. **O Modernismo Brasileiro** - Apostila de Estudos de Literatura para o Ensino Médio. Instituto Federal Fluminense, 2019. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/560584/1/O%20MODERNISMO%20BRASIL%20EIROAPOSTILA%20DE%20ESTUDOS%20DE%20LITERATURA%20PARA%20O%20E>

[NSINO%20M%C3%89DIO%20-%20Produto%20Educativo%20Alini%20Paravidini.pdf](#).

Acesso em: 06 de junho de 2021.

QR CODE. **Qrcode | denso wave**. Disponível em: <http://www.qrcode.com/en/>. Acesso em: 23 de junho de 2021.

QR CODE GENERATOR. **Crie o seu próprio QR Code de graça**. Disponível em: <https://www.qr-code-generator.com/>. Acesso em: 23 de junho de 2021.

RIBEIRO, A. E. Letramento Digital: Um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 1, p. 15-38, jan./jun. 2009.

ROJO, R. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e Multiletramentos. In: ROJO, R. (org). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICS**. São Paulo: Editora Parábola, 2013, p. 13-36.

XAVIER, A. C. S. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, BA, v. 13, n. 2, p. 73-90, dez. 2015.

XAVIER, A. C. S. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 170-180.